



A distinta actriz AURA ABRANCHES, que faz parte da empresa do Politeama, da qual a «Sopa para os pobres», instituída pelo *Seculo*, tem recebido um apreciável auxílio.

(Cliché Vasques).

II SERIE—N.º 629

ASSINATURAS:—Portugal, Colonias portuguezas e Espanha: Trimestre, 1\$45 ctv.
Semestre, 2\$90 ctv.—Ano, 5\$80 ctv.

Numero avulso, 12 centavos

Numero avulso em todo o Brazil, 700 rs.

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal

O SECULO

Lisboa, 11 de Março de 1918

Director—J. J. da Silva Graça
Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.

Editor—José Joubert Chaves

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43—LISBOA

Eau de COLOGNE

❖ ((EXCELSIOR)) ❖

PRECIOSA FOR-
MULA INGLEZA

A ÚLTIMA CREAÇÃO

DA

«PERFUMARIA DA MODA»

5, Rua do Carmo, 7 < < LISBOA

ESPECIALIDADE EM PRODUTOS DE BELEZA



Impurezas do sangue

COMO CONHECER-AS?

A primavera
que vem chegando

Prevenindo ...

Dôr escusada!...

É a análise do sangue o meio geralmente conhecido, usado e preconizado para se conhecer se realmente se tem contraído a sífilis, origem de todas as impurezas de sangue. Apesar d'isso, porém, não é raro a análise feita a um autentico sífilítico dar negativa, por a doença não estar em evolução franca, ou para melhor compreensão, estar emboscada.

Pois ha uma fórmula muito mais pratica e extremamente comoda, sem os inconvenientes que traz a extração do sangue aos fracos d'animo e nervosos, que é o tomarem a titulo d'experiencia alguns tubos de *Depuratol*. Se tiverem as triviaes tonturas de cabeça, dôres pelo corpo, pesadelos, manchas ou feridas pelo corpo, e tantas manifestações da sífilis e elas tenham origem n'esta doença, *hão de fatalmente* abrandar e desaparecer por completo com a continuação do tratamento pelo *Depuratol*. Se pelo contrario elas persistirem, então o mal é outro e outro deverá ser tambem o tratamento, devendo para isso procurar um medico para saber o caminho a seguir. D'esta fórmula ficarão certificados ou desiludidos, sem a menor desvantagem ou inconveniente, pois o *De-*

puratol, sendo inteiramente inofensivo ao organismo e só atacando o bacillus da sífilis, nenhum mal lhes fará, antes pelo contrario lhes *purificará o sangue*, com o que só tem a lucrar quem prudentemente o usa. Este processo recomendado é *absolutamente seguro* e tem sido seguido por inumeras pessoas e recomendado por muitos medicos.

Como é sabido, a sífilis que tanto pôde ser hereditaria como contraída pelo contacto (até n'um simples beijo!), é a doença mais perigosa que existe, pelas funestas consequencias a que dá origem. Com o uso do *Depuratol* taes perigos desaparecem por completo.

Avisinha-se a primavera

E n'esta linda quadra do ano que todos os sífilíticos meçam bem o perigo para os imprevidentes, para os que se não tratam convenientemente e avaliem da prudencia d'aquelles que, usando o *Depuratol*, podem atravessar esta risonha estação, sem receios e sem sobressaltos, tranquilos e a resguardo das investidas da horrorosa sífilis.

Cada tubo (para uma semana de tratamento), 1\$25; 6 tubos, 6\$30. Pelo correio porte gratis para toda a parte.

Depositario geral em Lisboa: — Farmacia J. Nobre, 109, Rocio, 110. A' venda no *Porto*, na Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44. Em *Coimbra*, Drograria Marques, Praça 8 de Maio, 33 e 30. Em *Braga*, Farmacia dos Orfãos, Praça Municipal. Em *Evora*, Drograria Martins & Mata, R. João Deus, 64. Em *Setubal*, antiga Casa Supardo. Em *Tomar*, Farmacia João Torres Pinheiro & C.^ª. Na *Figueira da Foz*, Farmacia Sotero.

A' venda no *Funchal*, Farmacia Luso-Britanica, R. dos Netos, 64. Em *Loanda*, Farmacia Dantas, Valadas & C.^ª, e em todas as boas farmacias e drograrias.

Visita presidencial a Santarem



Coube a semana passada a Santarem a honra de ser visitada pelo sr. dr. Sidonio Paes, illustre presidente da Republica, que se está pondo com alto criterio em contato com os povos, ajuizando das suas necessidades e aspirações e inspirando-lhes cada vez maior respeito e simpatia.

Santarem recebeu-o com inexcédível galhardia e entusiasmo. Os aspétos que publicamos da visita presidencial dispensamos de minuciosas descrições.



EM SANTAREM : — Nas Portas do Sol, o sr. presidente da Republica vendo o panorama.



No trajéto da estação á cidade : — A carruagem presidencial rodeada de estudantes.



EM SANTAREM:—O sr. dr. Sidonio Paes passando junto á parada de artilharia 3



O ilustre presidente da Republica depois da visita á Biblioteca Municipal, onde esteve analisando os quadros do pintor sr. Saude.



EM SANTAREM:— O sr. dr. Sidonio Paes á saída da estação do caminho de ferro



Depois da recepção na Camara Municipal, o sr. presidente da Republica, de pé, no carro, agradece as manifestações da multidão.

(Clichés Bezaelle).

TROPAS PORTUGUEZAS EM FRANÇA



Avelino Augusto Marques da Cunha, segundo sargento w'ag-mestre, morto pela patria.



Sebastião Exposto, corneteiro n.º 493 de infantaria 20, morto pela patria.

Grupo de officiaes d'uma «equipe» portugueza que se encontra n'uma escola de aperfeiçoamento em França. No 1.º plano, da esquerda para a direita: alferes sr. Felgueiras e Souza, capitão sr. Ribeiro da Fonseca, chefe da «equipe», sargento francez Brousse, filho do deputado do mesmo nome, monitor da escola, e o tenente sr. Almeida Pinheiro. No 2.º, os alferes srs. V. Cabrita, U. Alves, S. Lobo, S. Moreira e M. Teixeira.



Sr. dr. Luiz Carlos Charters d'Azevedo, tenente-medico em serviço na coluna de transporte de feridos n.º 2



Sr. Luiz das Dôres Santos e Serpa, alferes do 4.º grupo de metralhadoras.

5. Grupo de officiaes do Deposito d'Adidos do C. E. P., do comando do antigo capitão da Guarda Nacional Republicana, sr. José d'Albuquerque.



Sr. Mariano Moreira Lopes, alferes de infantaria 34



Grupo de officiaes de um batalhão d'infantaria. Sentados: no 1.º plano, da esquerda para a direita, os alferes srs. Guilherme Augusto, João Pina, Carlos Amaral e Vieira Pestana. No 2.º plano, o alferes sr. Caiola da Mota. De pé: os alferes srs. Martins Romão e Henrique Lima.



1. Alnisio Marques Leal, 2.º sargento de infantaria.—2. Dionisio Hipolito, 2.º sargento de artilharia.—3. Agostinho Joaquim Agueda, 2.º sargento da C. S.—4. Fortunato Franco Navarro, 2.º sargento do C. P.—5. Manuel Ferreira do C. Laranja, 2.º sargento de infantaria.—6. Jos^z Garcia, 2.º sargento da A. M.—7. J. S. Junior, 2.º sargento grnadeiro.—8. J. da Fonseca, 2.º sargento de artilharia.—9. M. C. Magalhães, 2.º sargento de cavalaria.—10. A. R. Pacheco, 2.º sargento de infantaria.—11. A. M. Fernandes, 2.º sargento de infantaria.—12. J. G. Monteiro, 1.º sargento de infantaria.—13. J. J. S. Oliveira, 2.º sargento de infantaria.—14. A. A. Saldanha, 1.º sargento de infantaria.—15. J. M. Braz, 2.º sargento de infantaria.—16. J. C. Saldanha, 1.º sargento de infantaria



Soldados do regimento de infantaria 34, que, como regosijo de terem saído ilesos d'um bombardeamento com que foram alvejados enquanto abriam trincheiras, resolveram fotografar-se com o seu comandante o alferes sr. Moreira Lopes, que sempre os tem acompanhado nos momentos mais criticos, não se pou-pando aos maiores perigos.



18. Grupo de 2.º sargentos de infantaria. Da esquerda para a direita: Antonio Teixeira, Joao Almeida Rodrigues, Francisco Rodrigues Rê e Joaquin Ramos.—19. 2.º sargentos da 3.ª companhia do 1.º batalhão de infantaria 10. Da esquerda para a direita, sentados: Amadeu Carlos Bornes, Claudino Manuel Garcia, Cassiano Luiz Pires, que desempenha as funções de 1.º sargento e Jodo Maria Pavao. De pé: Adolfo Augusto, Domingos Antonio de Moraes, Herminio Augusto Neves e Francisco das Graças Rodrigues.



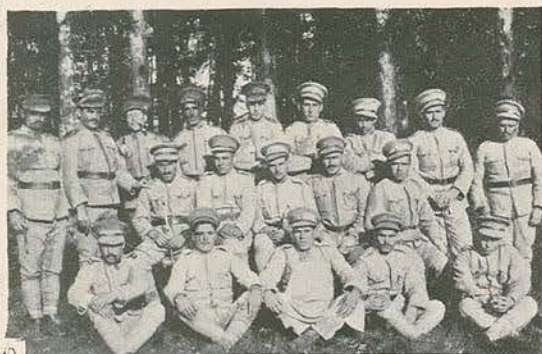
1. João Domingos, soldado de infantaria.—2. Francisco Feiteira, soldado de infantaria.—3. João Marinho, soldado das C. S.—4. José Constantino, soldado das C. S.



5. Grupo de soldados do C. A. P. Da esquerda para a direita: José Pereira, Lazaro Luiz da Silva e Antonio Feliciano da Silva.



6. Antonio Lopes Correia, 1.º cabo das C. S.—7. Antonio Fernandes Amaro, soldado de artilharia.—8. Joaquim d'Assunção, 1.º cabo de infantaria.—9. Daniel d'Oliveira, soldado de infantaria.



10. Praças do 2.º grupo do C. A. P., com o 2.º sargento José Fernandes.—11. Pessoal d'uma ambulancia sanitaria. Da esquerda para a direita, sentados: Carlos Ferreira, Jesus Calado e Avelino da Silva. De pé: Tolentino, Rogado, Horacio, Fortes e Herminio de Figueiredo.



12. Bento Prudencio, soldado de infantaria.—13. Daniel dos Reis, soldado de artilharia.—14. David Tavares, soldado de infantaria.



Soldados e sargentos do C. A. P., confraternizando com escosesses.



16. Joaquim de Oliveira, soldado de infantaria.—17. João D. Coelho, soldado do B. S. C. T.—18. José D. Amaro, soldado de infantaria.



1. Joaquim Men donça, soldado do G. P. — 2. Luiz Fonseca, soldado d' infantaria. — 3. Evaristo Fernandes André, soldado ae infantaria. 4. Antonio Mendes, 1.º cabo enfermeiro. — 5. Manuel Freire, 1.º cabo de artilharia. — 6. Firmínio Costa, soldado de artilharia. — 7. Antero Braz, soldado de artilharia. — 8. José Verissimo de Oliveira, soldado de infantaria. — 9. Artur Jeronimo, 1.º cabº de infantaria.

10. Antonio Tavares Coelho, 1.º cabo de infantaria. — 11. José da Silva, 1.º cabo de infantaria. — 12. Manuel Ferreira, soldado de infantaria. — 13. Antonio Fonseca Piedade, soldado telegrafista. — 14. José Fernandes Pereira, soldado maqueiro. — 15. Severiano Monteiro, 1.º cabo do S. T. S. F. — 16. João Bastos, soldado do B. S. C. F. — 17. Joaquim da Costa, contra-mestre de cjarins de artilharia. — 18. José Lima, 1.º cabo enfermeiro. 19. Jeronimo José, cosinheiro dos officias do S. P. M. — 20. Guilherme Belo, soldado de engenharia. — 21. Antonio dos Reis Junior, 1.º cabo enfermeiro. — 22. Luiz Vieira, aprendiz de musica. — 23. Manuel Madrugas, soldado de infantaria. — 24. Raul Matos, soldado de infantaria. — 25. Guilherme de Almeida, soldado motociclista. — 26. Celsino Pina, soldado de infantaria.

Nota. — Temos ainda mais de mil retratos de soldados por publicar, o que iremos fazendo por ordem cronologica da sua recção. Prevenimos d'isto todas as pessoas que nos tem en-viado e con-tinuarem a enviar retratos, estranhando depois a demo-

27. Artur Simões, soldado de infantaria. — 28. Frutuoso Guilherme e a Almeida, soldado de infantaria. — 29. Filipe Correia, soldado ao B. S. C. T. — 30. Francisco Florencio, 1.º cabo de infantaria. — 31. Virgilio Marques, 1.º cabo chauffeurs. 32. Painho, soldado de infantaria. — 33. Antonio Alves Carvalho, soldado do B. M. L. — 34. Antonio Pereira Guedes, soldado do B. M. L. — 35. Joaquim d'Amendoeira, 2.º cabo de infantaria. — 36. Virgilio d'Oliveira soldado telegrafista. — 37. Manuel Migalhas, soldado do B. S. C. F. — 38. Custodio Teixeira Costa, soldado de infantaria. — 39. Joaquim Mira, soldado do B. S. C. F. — 40. Antonio d'Almeida, soldado do B. M. L. — 41. Raul Ferreira de Brito, soldado carpinteiro. — 42. Fernando José Caetano, soldado carpinteiro. — 43. Riermenegido Martins, soldado de infantaria. — 44. Augusto Marques de Carvalho, soldado do B. M. L. — 45. Luiz Alexandre, «chauffeur» do C. A. — 46. Gervasio Valente, electricista do C. P. — 47. Miguel Ferreira, 2.º cabo de infantaria. — 48. Antonio Constançio, soldado de artilharia. — 49. Marcos Gaetano, soldado de infantaria. — 50. José Luiz, soldado de infantaria. — 51. Julio Nunes, 1.º cabo telegrafista. — 52. Francisco Nunes, 1.º cabo d'artilharia pesada.

ra em publical-os. Só os publicaremos quando chegue a sua vez. Não é possivel alterar a ordem estabelecida anteriormente para não abrir a favor de uns, com menos-prezo de outros, excções que os melindrariam.

Portugal e Brasil



A ex-missão intelectual ao Brasil de visita ao dr. Nilo Peçanha, ministro das re-

Foi só depois do seu desembarque em Terras de Santa Cruz que a missão intelectual ao Brasil, nomeada pelo governo transato, soube da sua destituição. Apesar d'isso, o presidente da Republica Brasileira, o governo e al-



lações exteriores, que está sentado, tendo á sua direita o sr. dr. Alexandre Braga.

gumas das individualidades mais em destaque n'aquela nação irmã não deixaram de dispensar aos seus membros as atenções com que sempre são acolhidos os que d'aqui partem a estreitar os laços d'amisade que unem os dois povos.

Visita dos srs. drs. Alexandre Braga e José Bessa de Carvalho ao sr. conselheiro Ruy Barbosa, que tem o primeiro á sua direita e o segundo á sua esquerda.



Os corpos gerentes do Gremio Republicano Portuguez, do Rio de Janeiro, fotografam-se com os membros da embaixada chefiada pelo sr. dr. Alexandre Braga, que foram cumprimentar ao Hotel dos Estrangeiros onde se alojavam.

Cartas a uma leitora

MADAME Marthe Borély acaba de publicar um livro intitulado *Le Génie féminin français* (E. de Boccard, editor). É um livro de crítica, um livro de ideias. Mas V. Ex.^a, minha senhora, deve saber muito melhor do que eu se essas ideias são justas, e, para a autora, o seu aplauso teria um valor que o meu não tem.

Aconteceu-me um dia assistir a uma reunião de senhoras avançadas (se me é permitido o feio termo), d'essas que defendem com um ardor a que se deve prestar homenagem, o feminismo integral. Lembrome da oradora que subiu ao estrado alguns minutos depois de eu chegar. Era uma dona magra, sêca, ossuda e grande, que logo á primeira vista desmentia a ideia de que toda a parisiense se sabe vestir bem. E as suas primeiras palavras foram:

—E' a vós, minhas irmãs, que me dirijo; porque os homens... os homens são fisiologicamente incapazes de nos compreender.

A boa senhora disse isso com um ar de profunda convicção que me impressionou devéras. Ela devia saber com certeza aquilo que dizia para com tamanha força o afirmar. E eu fiquei pensando que afinal pôde muito bem ser assim, e que, por motivos d'ordem fisiologica

que não podem deixar de influir no mecanismo intelectual e sentimental do nosso ser, a mulher esteja destinada para todo o sempre a constituir deante de nós um enigma que em vão a nossa vaidosa pretensão d'omnisciencia procuraria decifrar. Fiquei-me com essa ideia. E é por isso que n'este momento, deante do livro d'uma mulher de letras,

eu pergunto a mim proprio se me será permitido arriscar um juizo e se mais prudente não seria enviar o volume a V. Ex.^a, minha senhora, para que, com a competencia especial que lhe permite o seu sexo, V. Ex.^a o pudesse seguramente apreciar.

Pergunto isso a mim proprio, mas, ainda uma vez, o meu orgulho d'homem acaba por vencer a minha hesitação. Li o livro de madame Marthe Borély e con-

cedo-me a pretensão, talvez excessiva, evidentemente modesta, de o ter compreendido. V. Ex.^a me dirá, quando o lêr (porque deve lê-lo) se ele é, de facto, como eu penso, uma obra amavel, erudita sem pedanteria, escrita n'um estilo que poderia dizer-se «de salão» e pensada por um cerebro bem feminino mas superiormente dotado para a dialéctica audaciosa, para as deduções subtis.

A furibunda senhora, esgrouviada e mal vestida que eu ouvi falar na reunião a que alludi não hesitaria — sei-o bem — em fulminar a autora do *Génie féminin français* com o feio epiteto de reaccionaria. Com efeito, nas paginas do livro de madame Borély, encontram-se algumas frases que não podem deixar de ferir a intolerancia habitual dos espiritos avançados. Ela diz: Os que mais tar-

de lêrem a historia do nosso tempo verão, sem duvida, que os efeitos moraes da democracia se resumem em duas palavras eloquentes: inveja e odio... A dureza, o desprezo do forte pelo fraco, eis a essencia mesma do sentimento democratico. E ainda: O democrata despreza a mulher como despreza o povo; o homem regressou espontanea-



Madame Marthe Borély

neamente a esses sentimentos primitivos que seculos de vida social tinham atenuado. E finalmente: O sentimento da que fazia a beleza da paixão classica não exi te no amor democratico; um sensualismo á africana substituiu a cortezia amorosa.

Eu não aplaudo essas conclusões audazes de madame Marthe Borély, mas compreendo-as bem. Elas estão na logica do seu raciocinio, um raciocinio onde aliás as conclusões se não contêm sempre nas premissas, um autentico raciocinio de mulher. Madame Borély abomina o feminismo tal como ele é compreendido e defendido pelas «éclaireuses» da hora atual. Um dia virá, diz ela, em que a idéja de que as mulheres teem direito a considerações e a uma benevolencia particulares não passará pela cabeça de ninguém. «N'esse dia, o feminismo terá levado a cabo a sua obra destruidora». E a tese do seu livro—tese excelente—póde resumir-se n'esta sua frase lapidar: «O amor, eis o limite da intelligencia feminina e a fonte unica da sua atividade».

Madame Borély quer que a mulher domine pela

Ex.^a, minha senhora, lendo o livro me dirá se sim ou não tenho razão. E' que madame Borély vê apenas, atravez das cronicas, algumas mulheres do seculo XVII, e as mulheres do seculo XX vê-as todas em toda a parte, no dia a dia d'uma vida «democratica» e banal: em sua casa, na rua, nos theatros, nos chás das cinco, nos armazens e no «métr». O que a encanta no Grande Seculo é a vida que foi um privilegio d'um numero infinitamente restrito de creaturas do seu sex, d'uma elite em suma. Julgar a situação social da mulher pela situação d'uma elite é com-prazer-se n'uma illusão d'optica que enferma um raciocinio util e que não póde senão conduzir a conclusões aventurosas.

Mas Madame Marthe Borély tem toda a razão em detestar o feminismo das sufragistas e congeneres. A sociedade franceza, mesmo a d'agora, apesar de todos os males que a escritora atribue á democracia, é uma sociedade feita pela mulher e para a mulher. Trocar o seu prestigio d'hoje, os direitos que lhe vêem d'esse prestigio, digam as leis o que disserem, pelo prestigio, bem fraco e pelos direitos,



As *Eclairceuses* francezas, quadro de Madame Brury-Saurel. Da esquerda para a direita: Madame Delarue-Mardus, Mademoiselle Dutrieu, Mademoiselle G., Madame Grumberg, Dr. Roussel, Madame H. Rochefort e Mademoiselle M.

graça, pelo espirito. Ela evoca com uma eloquencia apaixonada, veemente, eu ia quasi dizer excessiva, os salões mundanos do Grande Seculo. O genio feminino francez revelou-se, manifestou-se, floresceu n'essas epocas distantes na forma que melhor se adapta ás suas preciosas qualidades. A mulher foi então o idolo ou, melhor dizendo, a suma sacerdotisa da religião do amor. Madame Borély sonha com esse tempo dos reis, vê-se em Versailles, não entre as mulheres do povo que sofriam dos desbaratos dos grandes e que pediam pão, mas entre as grandes damas que inspiravam os grandes poetas e os grandes amores. Madame Marthe Borély é uma amante postuma de Luiz XIV; o seu pensamento e o seu coração andam errantes entre os espètros da cõrte aurifulgente do Rei-Sol.

Os defeitos do raciocinio da distinta escritora deriyam, a meu vêr, d'uma coisa—e V.

bem illusorios, dos homens seria para a mulher franceza uma «mauvaise affaire». E' porisso que o feminismo á maneira ingleza ou norte-americana não tem em França raizes profundas: ele não passa d'uma inoportuna e infeliz imitação.

Quanto á questão do amor... Mas esta carta já vae longa. Eu não quero, minha senhora, abusar da sua bondade. Ficará essa questão para outra vez.

Beijo-lhe respeitosaente as mãos

Paris, 15 de Fevereiro.

PAULO OSORIO.

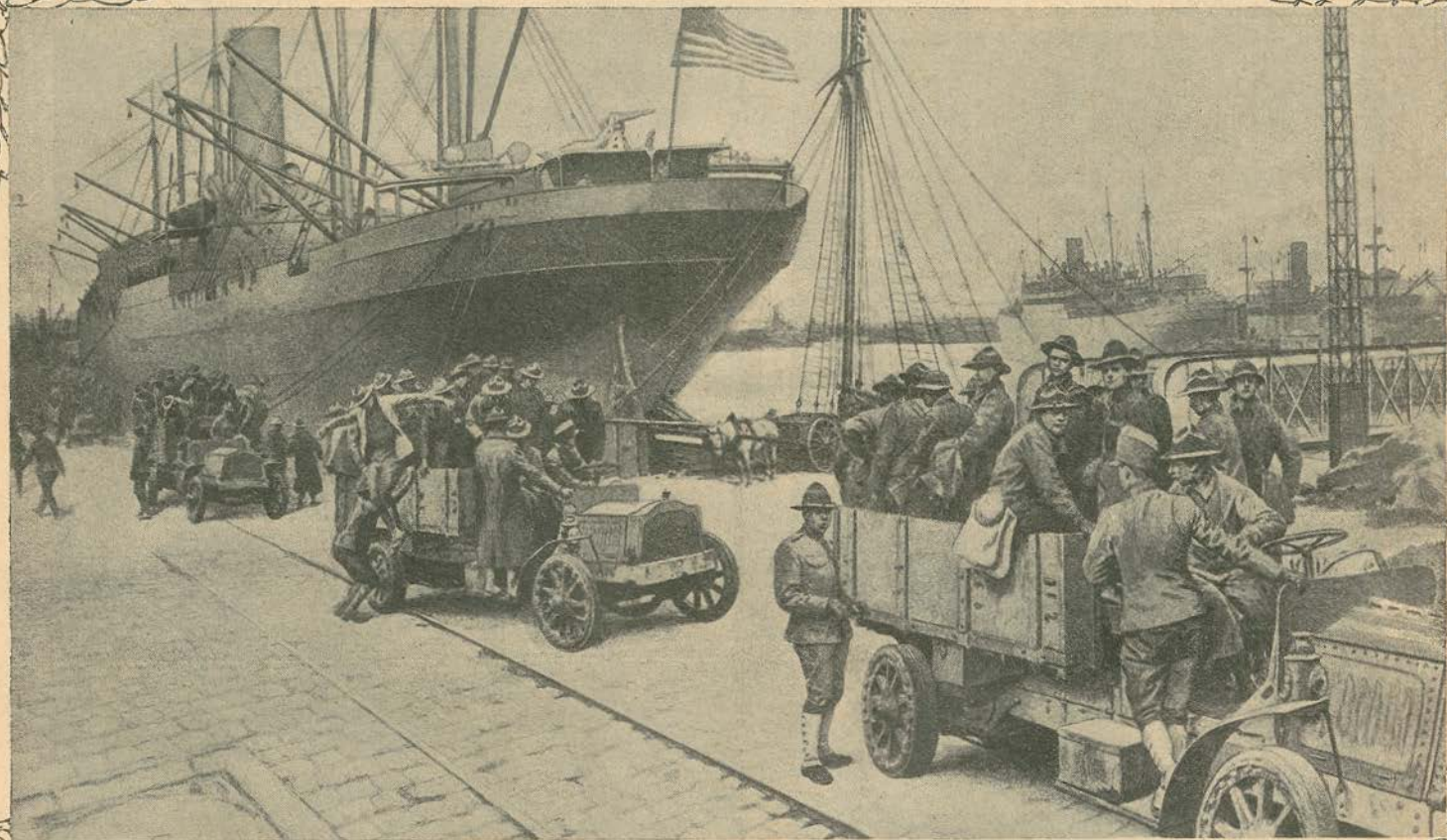
A GUERRA



OS FRANCEZES EM ITALIA :—O general comandante da divisão francesa que tomou o Monte Tomba



Prisioneiros alemães e austriacos sob a guarda de soldados francezes



UM PORTO AMERICANO EM FRANÇA : — Chegada dos *camions* conduzindo os partidos de trabalhadores americanos empregados no descarregamento dos transportes recém-chegados da grande republica.

(Desenho de L. Sabattier, de «L'Illustration»).

Ministros de Hespanha e de Portugal



O sr. D. Alexandre Padilla, novo ministro de Hespanha em Portugal, saindo do palacio de Belem, onde fôra entregar as suas credenciaes.

Pelo governo hespanhol foi nomeado representante do paiz visinho em Lisboa o sr. D. Alexandre Padilla, um dos mais distintos diplomatas da Hespanha, que já apresentou ao sr. presidente da Republica as suas credenciaes.

O governo portuguez nomeou o sr. dr. Egas

Moniz, politico em destaque já no tempo da monarquia, e que desde a Republica tem vindo prestando ao paiz assinalados serviços, ministro de Portugal junto da côrte de Afonso XIII.

Ambas as nomeações foram bem aceites pelo corpo diplomatico, sendo os novos ministros recebidos com agrado pelos seus colegas.



O sr. dr. Egas Moniz, novo ministro de Portugal em Madrid, acompanhado de sua esposa e do sr. Alberto Paes, novo adido militar portuguez n'aquela capital, saindo do palacio presidencial de Belem.

(«Clichés» Benotiel).

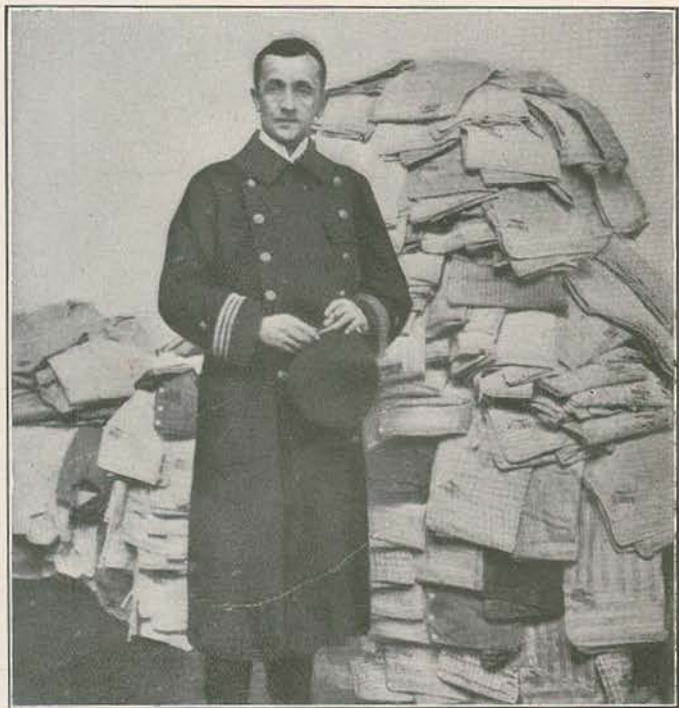
Agasalhos para os nossos soldados



O sr. Machado Santos, ilustre ministro do interior, tendo á direita os srs. José Silva Graça, sub-director do *Seculo*, e Luiz Judicibus, delegado da «Sopa para os Pobres», e á esquerda o secretario geral do *Seculo*, sr. Antonio M. de Freitas

Da subscrição aberta pelo *Seculo* para os feridos da guerra e para os soldados portuguezes acaba de sair a decima remessa de roupas e agasalhos, esta destinada como as anteriores aos nossos soldados que estão na primeira linha em França. São em numero de 6.022 as peças que constituem esta, como camisolas e ceroulas de malha de lã, camisas e ceroulas de flanela, coletes forrados de peles, peugas e luvas de lã, etc., que ainda lá chegam em tempo frio para poderem ser bem apreciadas. O total de peças até agora expedido pelo *Seculo* é de 74.867.

Até á hora de fecharmos este numero da *Ilustração Portuguesa*, o sr. Presidente da Republica ainda não pôde visitar a exposição d'esta remessa, pelos graves assuntos de ordem publica que estão prendendo a sua atenção, mas já se fez represen-



O sr. Aragão e Melo, primeiro tenente da nossa armada e secretario do sr. presidente da Republica

tar pelo seu secretario, sr. Aragão e Melo, distinto official de marinha. O illustre ministro do interior, sr. Machado Santos, veio honrar a exposição com a sua visita, tendo o grande vulto da república palavras da alto apreço para com a obra do *Seculo*, assim como o sr. Aragão e Melo, os quaes foram recebidos pelo sub-diretor do *Seculo*, sr. José Silva Graça e pelo secretario geral, sr. Antonio Maria de Freitas, encontrando-se tambem presente o delegado da «Sopa para os Pobres», sr. Luiz de Judicibus.



O tenente-coronel, bravo comandante do 4.º G. M. P., sr. Francisco Batista, de licença em Lisboa, e que com vivo interesse veio visitar a exposição de roupas.



SALÃO DA «ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»:—Um trecho da parede do fundo, revestida de coletes forrados de peles.

(Clichés Benoliel).

D. CACILDA SÁ PEREIRA ORTIGÃO

ENCONTRA-SE de regresso a Lisboa, que vae de certo ter muitas ocasiões de a admirar e aplaudir a distinta cantora portugueza, sr.^a D. Cacilda Sá Pereira Ortigão, a quem a *Ilustração Portuguesa* por mais de uma vez tem prestado homenagem, não podendo tambem deixar de pôr agora em relevo o seu invulgar talento, como o tem feito os principaes periodicos italianos e suissos.

A sr.^a D. Cacilda Ortigão cantou em Roma e em Milão ao lado de autenticas celebridades liricas, taes como: Gabriela Bezauxoni, Tilde Milanesi, Francisco Vinhas e Carlo Galeffi, tendo conseguido sempre os mais vibrantes applausos do publico culto e elegante que acorria a apreciar o seu merito indiscutivel.

O debute em Italia da notavel pensionista do Conservatorio portuguez, que soube conquistar rapidamente o favor do publico amator de canto, foi um acontecimento de grande vulto n'aquelle meio artistico, onde a sr.^a D. Cacilda Ortigão, que para todos que a não conheciam, foi uma verdadeira revelação artistica, ocupa um logar de

grande destaque e da mais subida consideração.

Tambem em Lausanne (Suissa), onde esta

talentosa artista realisou um concerto que obteve excepcional successo, ouviu ela as mais calorosas felicitações do escolhido auditorio, que se encantou de véras não só com a sua maravilhosa voz de soprano ligeiro, cheia de colorido e que ella conduz com tanta efficacia, como tambem pela interpretação musical pouco comum e ainda pela elegancia de dicção e de gesto com que valorizou todos os trabalhos em que se fez ouvir.

A' distinctissima e já consagrada cantora portugueza, que além de uma lindissima voz d'um timbre delicado e puro possui tambem todos os recursos da arte de canto, vocalisa com surpreendente virtuosismo e elle a dissima escola, está re-

servado um brilhante futuro disseminado de grandissimos successos, para o que contribuirá vantajosamente o seu excelente character e lucida intelligencia. A sr.^a D. Cacilda realisa o seu primeiro concerto no dia 21 d'este mez no Teatro de S. Carlos.



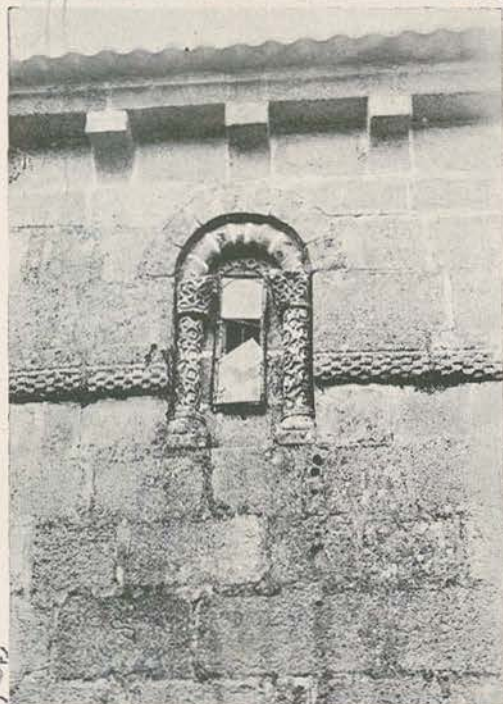
A GRÈVE DOS CAIXEIROS



O sr. presidente da Republica percorre de automovel as ruas da cidade para ajuizar da ordem que ia n'elas e do movimento comercial

(Cliche Benoliet).

Portugal pitoresco



1. A porta principal da igreja de Aguas Santas. — 2. Um interessante aspeto do seu interior. — 3. Uma janela. — 4. A fachada da igreja.

(«Clichés» do distinto amador sr. Edmundo Lobão, de Vizeu).

A igreja de Aguas Santas, no concelho da Maia, é um dos mais notáveis monumentos de arte antiga não só pela beleza da sua construção, como pelas riquezas que

encerra no seu interior em brilhantíssimas obras de talha, que os verdadeiros amigos do belo admiram com prazer.



Corpos gerentes da *Société Amicale Franco-Portugaise* que tão relevantes serviços está prestando no estreitamento das relações entre Portugal e a França. Da esquerda para a direita, sentados, os srs.: Dr. Elias da Costa, secretário da Direcção; dr. Vasco d'Oliveira, vice-presidente da Direcção; Leal da Camara, presidente da Direcção; Adolphe Cassaigne, presidente da A. Geral; dr. Americo de Castro, presidente do C. Fiscal; Fernand Laborde, vice-presidente da A. Geral. De pé os srs.: Levreand, vogal; Prisse d'Avesnes, vogal; Pierre Jacquet, secretário da Direcção; A. da Silva Lopes, tesoureiro; M. Lima, vogal; Henry Suder, secretário da A. Geral; Cousin, vogal; E. Baffert, secretário do C. Fiscal; M. Mario do Carmo, secretário do C. Fiscal.

TAMBEM OS NOSSOS compatriotas de Macau quiseram patentear o seu apreço pelo denodo dos nossos soldados que se encontram em França. Uma comissão composta das individualidades mais em destaque na sociedade macaense levou a efeito, com o auxilio d'um grupo de meninas e da corporação dos escoteiros, uma interessante «kermesse», cujo resultado, destinado ao «Cigarro do soldado», compensou a energia dispendida.



2. Grupo de escoteiros e meninas de Macau que tomaram parte n'uma «kermesse» a favor dos feridos da guerra juntamente com a comissão organizadora. — 3. Grupo de alunos da Escola Patria que, acompanhados do seu diretor, o sr. J. Filipe Rodrigues e d'alguns professores, visitaram as instalações do *Seculo*.

Uma leitaria elegante

A capital está apresentando um progresso extraordinario na beleza artistica com que são apresentados os novos estabelecimentos. O ultimo exemplo d'esse genero é a *Leitaria Portugalia*, que acaba de abrir-se na rua do Ouro, n.º 272, e é propriedade da firma *Neto & Leitão, Limitada*. A sua instalação é extraordinariamente elegante e artistica, apresentando um cunho inconfundivel de originalidade, como os nossos leitores podem vêr. Isto não admira sabendo-se que o snr. Alvaro Neto, um dos socios da firma proprietaria d'esta casa, é não só activo e arrojado negociante, envolvido em florescentes emprezas comerciaes e industriaes,



mas tambem um espirito culto, muito ilustrado e de grande distincão, ao mesmo tempo que um caracter de grande nobreza. Tendo como seu braço direito o snr. Alvaro Leitão, rapaz novo e cheio de actividade, não é de estranhar que a nova casa seja, como já é, um dos logares favoritos de rendez-vous da primeira sociedade da capital. Uma das ideias interessantes que a nova casa pôz em pratica é a de ter sempre um fornecimento delicioso dos doces caracteristicos das diversas provincias do paiz. E' uma ideia encantadora, em que ha um mixto de patriotismo e de ternura, que todos os provincianos da capital devem agradecer a dentro do seu coração.



Fachada da Leitaria Portugalia

Aspèto do interior da Leitaria Portugalia

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de J. DA SILVA GRAÇA, Limit.ª

Director: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

A doença de Portugal



O HIGIENISTA:

— Analfabetismo, politiquice, petulancia, desorientação, ganancia, etc., etc., etc. Com os diabos! O que aqui vae de piolhos!



PALESTRA AMENA

A nossa engomadeira

Hão-de ter reparado que nós, janotas aprimorados embora modestos, ha dias que não nos apresentamos nas ruas da Baixa com aquela convicção de *chic* que era a nossa vaidade e que nos distinguia na turba, principalmente se alguma senhora nos fitava.

Porque será este desleixo, este esquecimento das regras de bom tom, este nivelamento com os srs. Leite de Vasconcelos, Brito Camacho, Pereira Caspa e outros desleixados celebres, cujo dandismo de espirito parece ser incompativel com o dandismo do corpo?

A razão é simples: a grêve das engomadeiras, da qual a nossa é um dos mais preciosos ornamentos, já porque nos dá a roupa engomada a tempo e a horas, já porque nos puxa o lustro ao colarinho e aos punhos de tal modo que dispensamos aquela coleira tessissima e lustrosa que era o nosso orgulho, nem nos pulsos aqueles canudos duros como chifres e igualmente polidos, que lhes davam uma importancia sem igual. Em vez de tão formosos apêndices camisários (um neologismo lá de vez em quando dá grande esmalte ao que se escreve) usamos agora o colarinho mole como uma tripa antes de enchida, isto é, antes de convertida em chouriço, e os punhos frouxos como papel amarrutado. Não se imagina o desgosto que o facto nos produziu nos primeiros dias, a vergonha, até, de que andámos possuídos por nos vermos obrigados a aparecer em publico de tal maneira despolidos.

Desgosto e vergonha, sim, mas em breve praso atenuados, pouco a pouco desvanecidos e, no momento de escrevermos estas linhas, desaparecidos completamente. Aos motivos de orgulho em que falámos foram-se pouco a pouco contrapondo os seguintes factos: o ávontade do pescoço, não sentindo a aspereza do bordo do colarinho; a economia do engomar; a supressão do incomodo de estar um quarto de hora a mortificar os dedos para encaixar os botões em casas fechadas pela goma; as respectivas economias de tempo e de paciencia; identicas vantagens quanto aos punhos; etc., etc.

Ora estes proveitos não compensarão suficientemente a falta de janotismo que, de mais a mais, não tem mais razão de ser do que o janotismo contrario, isto é, aquele que considerasse distinto o trazerem-se colarinho e punhos moles, não engomados? Cremos bem que sim e mais cremos que nada se perderia com um radicalismo mais fundo, suprimindo de vez os colarinhos e os punhos postiços. Em que perderia a comodidade e a estetica? Em coisa alguma, está-se a vêr. Ficaria a camisa, por medida de asseio e para que as en-

Escrituração errada

João Verdades dil-as como punhos, como por exemplo no *Seculo* no dia 3 do corrente:

«Decididamente *les dieux s'en vont*, como dizem os francezes e eu traduzirei, embora em termos um tanto arbi-



trarios por: acabaram-se os idiotas... «Um dos ultimos era a Companhia Carris de Ferro. Que administração! que admiração! aquilo sim, é que era exem-

gomadeiras tivessem que fazer, não engomando — porque o ideal seria abolir a goma tambem dos peitinhos — mas passando-a apenas a ferro.

Eis porque nos resignámos facilmente com a grêve das engomadeiras e porque nunca mais usaremos roupa de goma, lançando assim a moda nos meios elegantes, onde ha muito é arbitro o

J. Neutral.

Porcaria

Por muito que nos custe e não sabemos, de nojo, como a contemos! — temos obrigação de dizer ao leitor que tire os piolhos e os de sua ex.^{ma} familia, se lhe quer bem.

O sr. Ricardo Jorge, que ja andava com a pedra no sapato, reconheceu que a epidemia do tifo no Porto era causada pelo piolho, que veiu lançar um justificado susto em todo paiz, porque todo o paiz — para que oculta-lo? — é piolhoso.

Dois casos, entre milhões, vistos por estes que a terra ha de comer: no Porto, ao meio dia, num banco da Cordoaria, o jardim mais concorrido da cidade, vimos uma mulher a tirar *pitadas* de piolhos da cabeça, pelo tacto...

— E em Lisboa? dirão os senhores portuenses, indignados porque a medicina não esteve com cerimonia.

Em Lisboa, respondemos nós, vimos ha tempos, tambem pelo meio dia, sentada uma mulher nas escadilhas da igreja dos Martires, ali ao Chiado: nos joelhos da mulher poisava a cabeça d'um garoto e na cabeça do garoto ella caçava intrepidamente, estoirando em seguida a caça entre as unhas dos dois polegares. Entretanto passeavam, de olhar benevolto, os srs. agentes da limpeza publica...

Cá e lá muitos piolhos ha, ricos filhos!

plar! Bem se via ser coisa de inglezes!...

«Não ha duvida, mas inglezes... aclimatados».

E' duro, o nosso João Verdades. Então um inglez ou um portuguez — até um alemão — não pode cometer erros de aritmetica?

Pode e ninguem por isso o deve condenar. O que devia, era ensinal-o, e foi isso o que fez a vereação de Lisboa, pelo braço musculoso d'um dos seus membros mais desembaraçados, applicando ao ignorante uma d'aquelas palmatoadas cujos ecos não-de-levar muito tempo a desaparecer.

Uma palmatoadinha a tempo faz sempre muito e nunca doam as mãos de quem a dá. E' duplamente benefica: espevita as faculdades de quem erra e alivia os que estavam para sofrer se continuasse a praticar-se o erro. Oxalá que esse alivio não seja provisório e que não tenhamos ainda de pagar as palmatoadas com lingua de palmo e mais 40 por cento nos logares dos electricos

A Caróchinha

Tenho ha tempos por visinha
Uma bonita pequena
A quem chamam Carochinha
Por ter a cara morena.

Por outro nome é que já
A não conhece ninguem:
E' carócha para cá,
E' carócha para alem,

Chegando as coisas a ponto
De ela julgar — que lembrança! —
Que é a carócha do conto
Que nos contam em criança.



E por isso a tal menina
Desdenha quem a requesta,
Torce o nariz, faz-se fina
E diz de todos: «Não presta!»

Oxalá que por azar
Ou por justa punição
Ela não venha a casar
Com algum João Ratão

E quando voltar da missa
O não veja na caldeira
Cosido com hortaliça,
Chispe, feijão e orelheira.

Então é que ella, coitada,
Com a morte do marido,
Dá o diabo á cardada
Por não me ter escolhido!

Porquinho da India.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa

Nãn te tanho escrevido á mais tempo porque tanho istado á ispera dos celos das cartas costarem 35, com o fim de açim cumtriboir para matar u déficede; nam cei çu decreto já çaiu, mas pello çim pello não esta vai já com os 35 da orde.

Ja aim debes ter oivido alumiar que çe arreprentou á dias nu triato Nasional uma pessa munto grande xamada u *Siume*, orjinal da sr.^a D. Mafralda Albiquerque que tamem acina Ruben de Lara, prá jente nan çaber ce é ome ce é mulher, mas afinal vêce pella pessa que é mulher porque um ome não era capaz de mandar matar a sr.^a D. Maria Pia, como ela mandou pela sr.^a D. Ógusta Curdeiro que paça a cer Ógusta Carneiro i carneiro bravo em vez de Curdeiro manço.

Intão lá vai u que é u *Siume*: achando-ce osr. Ógusto de Mello munto desgostoso cum a çua falta de vós alembrou-ce de ce urdenar i fesce padre, mas ce avia de curtar as relações com jente de triato, para ceu descanso, nã çinhora: continua a darce com todos os atores i atrizes, de modo que tem de os gramar a touda a ora. É a D. Maria Pia a cunfeçar-lhe que tem uma filha i que anda munto apuquintada pur çósa du prusedimento de ela; é a dita filha—a D. Imilia Çarmento—a que çharce de que u marido é munto bruto; é a D. Ógusta Curdeiro a dezerle cu marido de ela idem i que ele não vai a casa á 15 dias porque se atira de grande i á feranseza, á çupradita D. Imilia; e pur iço *conçumato esde*; é o Pato Muniz a cuntarle que em ra-



paz gustou muito da *alludida* Pia; etc., etc.

Ora o Pato que tamem é médeco reseita ó Melo que invite as cumuções; e vae de aí u que aconteçe? é cu Melo grassas a Deus nu 4.^o ato istá já bon dos axaques i dos 80 anos apesar de mil cumuções, u que mostra cu Pato como médeco é da forsa du Pato como ator, nesta pessa:

— E a pessa é boa ó má? préguntará tu.

A pessa, crida Zefa, só presisa das ceguintes modificações:

EM FOCO

A BONECA



*Por mim não sei de mais bonita festa
Que a da boneca, ha pouco inaugurada;
Quantas recordações, ó petiazda,
Ela me traz á mente, ao fazer d'esta!*

*Tive, uma em pequerrucho; era modesta
Mas nem princesa, imperatriz ou fada
Foi pelos seus vassalos mais amada,
Apesar de plebeia manifesta.*

*Tive, depois d'aquela, mais d'um cento,
Perfeitas no vestir e na figura,
Com alma, vida, fala, sentimento,*

*Mas nenhuma, por minha desventura
Valia a que não tinha movimento
E era feita de trapo e serradura...*

Belmiro.

Premera: a D. Imilia Çarmento reparar u bigode.

Sigunda: u Pato ir para a capueira ás 8½ da noite i çó çair á meia noite, cando a pessa estiver acabada.

Terceira: u Erico Braga aprender cavallidade, para çaber tratar cum çinhoras i não julgar lá por çer cavaleiro tórmaquico que toudas ção vacas.

Quarta: a D. Ógusta aparser mais vezes in sena i não ce impurtar cu marido não vá pra caza porque quem tem um marido d'aqueles istá livre d'uma pinhora.

Quinta: Us artistas lá du triato não dezerem mal da pessa, até in antes de ela çubir á sena.

E cumo á falta de ispazzo não cuntinão mas munto mais tinha a dezer, cem dechar de fazer á ótora a justissa de asentoar que tem talento, qui iscreve bem i que para a oitra vez amostrece com us intrepetes mais Ruben que Mafralda, isto é, mais ome que mulher, porque aquilo não vae cum falinhas doces mas cum tesura.

Adeus Zefa, inté cando calhar que eu ó fazer d'esta inda não istou em greve grassas a Deus i te mando muntos beijos açim cumo á piquena e ós nossos bacros. Teu inté ó dia de juizo.

Jerolmo.

Emprezario do Pauliteama de Pêras-Ruivas

Livros, Livrinhos e Livrecos

Polichinelo em Lisboa, por D. Emilia de Sousa Costa.—Esta senhora, que tomou voluntariamente o encargo de educar as crianças—a vêr se no futuro não são as criaturas malcriadas que todos somos—foi á Italia buscar o menino Polichinelo e passou-o pelas ruas

de Lisboa, ilustrando-o a cada passo com explicações sobre o que ele ia vendo: monumentos, museus, costumes, belezas naturaes, etc., etc.

É, pois, um livro que todas as mães devem adquirir; lê-lo aos filhos poupa-lhes muito trabalho, que ela prevê sabiamente pela curiosidade dos pequerruchos.

À via sinuosa, de Aquilino Ribeiro.—Ainda não tivemos tempo de ler este romance, mas não queremos demorar a feliz noticia do seu aparecimento pela alta consideração em que temos o seu autor, incontestavelmente um dos literatos mais completos da nossa geração. De antemão podemos assegurar que se trata d'um livro na acepção melhor da palavra.

O Marques grego

Não sabemos se teem conhecimento de que o Marques é um barra em grego. Pois é. Em latim já ele tinha dado provas, que em publico expozemos; quanto a grego vão vêr.

N'um grupo de amigos alguém faz referencia a um cavalheiro que não está presente e que não é tido por atilado.

Um dos do grupo não se lembra do tipo.

O Marques, muito explicativo:

—E' aquele sujeito com a cabeça muito grande... Por outra, um que é microcefalo...

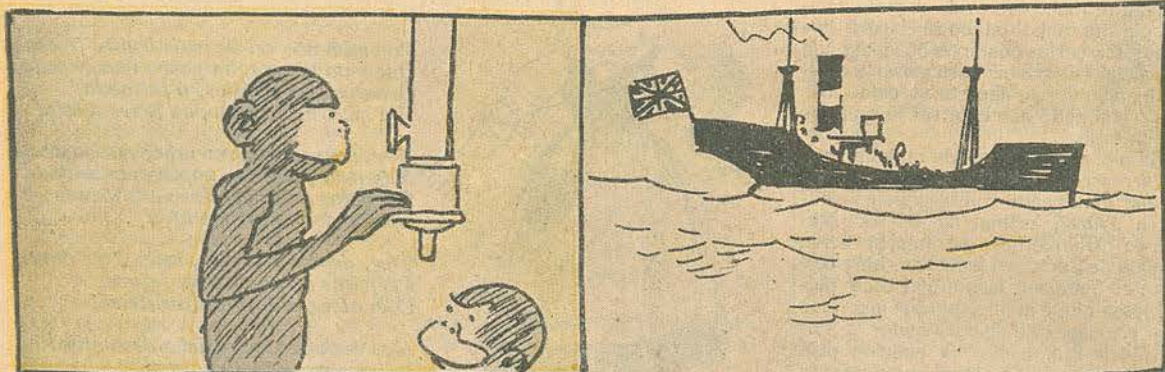


MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

18.^a Parte1.^o Episodio

A MACACARIA

(Continuação)



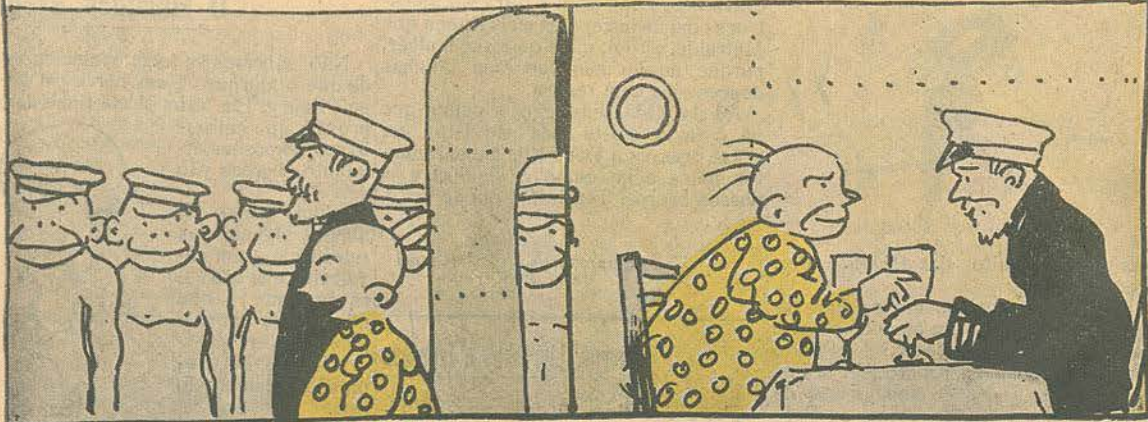
1.—O macaco encarregado das observações periscópicas a bordo do submarino reconhece que se aproxima um caça-minas inglês.

2.—Por seu turno no caça-minas avista-se o periscopio e logo tem ordem de parar por causa das moscas.



3.—E os officiaes inglezes vêem com surpresa que o submarino é portuguez, pois que o Manecas apressara-se a arvorar a respetiva bandeira.

4.—E' convidado o Manecas a ir a bordo do caça-minas, onde o comandante inglez lhe presta homenagem.



5.—Os officiaes são convidados a passar a macacaria em revista, o que fazem assombrados pela inteligencia dos macacos.

6.—Por fim, os dois comandantes teem uma conferencia, de consequencias incalculaveis, como bem se póde calcular.

(Continua).